

A eloquência de Erika Hilton no combate à transfobia: uma análise de publicações no perfil do TikTok¹

Rafaela de Araujo Vieira de Oliveira²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Esta pesquisa busca investigar a atuação dos vídeos publicados no TikTok da Deputada Federal Erika Hilton (Psol SP), no perfil @erikahiltonsp, feitos a partir de fragmentos de declarações públicas da parlamentar. Sob a hipótese de que ela seja representativa de mudanças no imaginário dos brasileiros sobre o que é ser travesti no país, faremos o recorte de 11 conteúdos postados em junho de 2023 na rede social. Para o estudo, buscaremos reunir autores de diferentes áreas, como da Comunicação, Psicologia e Estudos de Gêneros, a fim de construir um arcabouço teórico tentacular. Ainda propomos a junção metodológica da Cartografia das Controvérsias e Teoria Ator Rede (ANT), como elaborado por Latour (1998, 2012) e Lemos (2002, 2013, 2021). Ao final, entendemos que a performance de Hilton na internet faça parte dos novos ativismos digitais, que mobilizam um novo fazer político.

PALAVRAS-CHAVE: sociabilidades em rede; imaginários sociotécnicos; tiktok; comunicação; Erika Hilton.

INTRODUÇÃO

Antes de deputada federal, Erika Hilton foi a vereadora mais votada do Brasil em 2020. Durante o mandato, presidiu por duas vezes a Comissão de Direitos Humanos de São Paulo. Já em 2022, pela primeira vez na história da Câmara dos Deputados, foram eleitas duas deputadas trans: Duda Salabert (PDT-MG) e Erika Hilton (Psol-SP). A atuação política desta última, porém, não se dá apenas em Brasília, no Congresso Nacional, mas também na ambiência das plataformas e redes sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM UERJ), com fomento da Capes. Integra o grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC UERJ). Email: vieirarafaela@outlook.com.

Para os usuários do TikTok, a postura e eloquência discursiva de Erika Hilton impressiona e agrada aos ouvidos. Com seguidores que ultrapassam o número de eleitores no último pleito, a primeira deputada federal negra e travesti do país encontra brechas frente aos discursos de ódio que contaminam as trocas sociotécnicas, atingindo milhões de pessoas de forma positiva – ainda que não numa unanimidade. Portanto, esta pesquisa busca investigar como os vídeos publicados no perfil da parlamentar nesta rede social (@erikahiltonsp, onde acumula 334,2 mil seguidores) atuam no imaginário brasileiro a partir de fragmentos (“cortes”) de suas declarações públicas.

Considerando que as tecnologias digitais se tornaram parte constituinte do nosso cotidiano, principalmente por meio dos *smartphones*, entendemos que suas configurações unem o caráter informacional da comunicação às práticas socioculturais. Os mecanismos presentes nas redes sociais, por exemplo, possibilitam ecoar vozes dissidentes e formar comunidades, além de dar visibilidade a movimentos intelecto-corporais de identificação e pertencimento.

Para Lemos (2013, p. 23), “para compreendermos a complexidade da cultura digital, torna-se imperativo ir além da separação entre sujeitos autônomos e objetos inertes, passivos e obedientes, simples intermediários”. Então, propomos como método de investigação a Cartografia das Controvérsias baseada na Teoria Ator-Rede (ANT).

Com uma “teoria mais abstrata e mais empírica simultaneamente” (LATOUR, 2012, p. 13), a cartografia é como um mapa mental que busca descentralizar as ações do viés humano e propor uma ontologia plana entre os diversos atores que compõem as redes, que estão em associação. Isto é, seus critérios indicam o rastreamento e a descrição das controvérsias que constituem essas conexões.

O recorte do objeto de pesquisa abarca os conteúdos publicados no mês de junho de 2023, quando convencionalmente celebra-se o Orgulho LGBTQIAPN+ e, possivelmente, é o período do ano em que as pautas dessa comunidade têm maior visibilidade midiática. Em contrapartida, este pode ser o momento em que há mais ataques às pessoas dissidentes em gênero e sexualidade, que tensionam diretamente o sistema cisheteronormativo.

As barreiras e ousadias da linguagem

Ao falarmos sobre dissidências sexuais e de gênero, esbarramos em armadilhas linguísticas que antecipam o que é a norma e aquele que se desvia dela, estabelecendo a diferença entre o eu e o outro. Por isso, concordamos com a perspectiva de Brasileiro (2020) acerca da atuação da linguagem como ferramenta de aprisionamento e violência para as travestis.

Sou agora uma travesti. E neste Mundo, o Ocidente Brasileiro, travesti é o nome que se dá às pessoas que conseguem transmutar; mas essa linguagem diz de algumas, e não de todas as experiências de modificação, porque a palavra é sempre um limite. Um limite que o próprio conteúdo – a vida – dissolve. Aqui, na Modernidade Brasileira, nomeiam-se algumas transmutações de travestilidade, e também dizemos que estamos transicionando. A transição é a passagem de um lugar para outro, e estas ações de desfilar, andar, passarelar, quando assistidas através de lentes coloniais, são pensadas e sentidas no limite das linguagens e das palavras portuguesas (BRASILEIRO, 2020, p. 40).

Um movimento similar acontece com a noção moderna de raça, que também é alvo reflexivo de Brasileiro – desta vez, em *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* (2022). Para a autora, deve-se pensar em transfigurar a história que se construiu a partir da racialização no Brasil e que se baseou nos princípios de esquecimento e aniquilação.

Admitindo a vulnerabilidade linguística, acrescentamos o paradoxo: “é por ser interpelada nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível” (BUTLER, 2021, p. 17). E por “existência” não significa necessariamente um reconhecimento, como ressalta J. Butler. Ao sermos chamados pelo outro, somos reconhecíveis. Os agenciamentos produzidos pela linguagem, portanto, tem caráter ambivalente.

Ainda incluímos o engajamento das apropriações linguísticas e semânticas feitas pelos dissidentes e pelas suas dissidências, que acabam por gerar ressignificações daquilo que já havia se tornado caixa-preta³. A obra *Eu sou o monstro que vos fala*, de Paul B. Preciado (2022), escancara a potência dessa autoafirmação, ao recolocar problemáticas

³ Utilizando “caixa-preta” no sentido elaborado por B. Latour, como um movimento apenas de transporte, que estabiliza os significados e forças do actantes (Latour, 2012). A partir disso, Lemos (2013) exemplifica as caixas-pretas como os clichês, estereótipos e lugares-comuns que podem aparecer na forma de uma organização, um artefato, uma lei ou até mesmo um conceito, a resolução de um problema.

do discurso médico acerca dos ‘corpos transviados’ no centro do debate de profissionais da psicanálise.

Eu hoje me dirijo às senhoras e aos senhores, acadêmicos da psicanálise, a partir da minha “jaula” de homem trans. Eu, um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como “transexual”, caracterizado na maior parte dos diagnósticos psicanalíticos como sujeito de uma “metamorfose impossível”, situado, segundo a teoria prevalente, para além da neurose, na própria borda da psicose, incapaz, segundo vocês, de resolver corretamente um complexo de Édipo, ou tendo sucumbido à inveja do pênis. Pois bem, é a partir dessa posição de doente mental onde me recolocaram que me dirijo às senhoras e aos senhores, como um macaco-humano de uma nova era. Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que foi construído pelos seus discursos e práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e toma a palavra, não tanto como paciente, mas como cidadão, como um igual monstruoso (PRECIADO, 2022, p.13-14).

Sem esquecer das barreiras trazidas por categorizações modernas, investiremos nesse movimento que responde a elas e, portanto, modifica-as. Neste texto, sugerimos a centralidade discursiva de Erika Hilton como elucidativa da tomada da palavra, do protagonismo de sua própria história e reivindicação da existência travesti. Tendo em vista que o ato de fala nunca está dissociado do corpo que o enuncia e o performa, compreendemos que esta é uma corporalidade importante para rastrear novos ativismos contra a transfobia e novos modos de fazer política.

As concepções modernas de não capturam o pulsar da vida cotidiana e em comunidade, que tem uma potência estético-comunicativa (FERNANDES, 2005). Atentando para as articulações com Maffesoli (1995), apontamos a relação entre a capacidade criativa e inventiva da vida social e o impacto das declarações públicas de Erika Hilton no TikTok – publicações estas que atuam tanto como mera interação entre os usuários (humanos) e as tecnologias (não-humanas), própria da cultura digital, quanto como possibilidade de modificação do imaginário.

Nesse sentido, a razão sensível de Maffesoli (1995) se reafirma como motor das novas maneiras de ser e estar-com, que agem em congruência com as emoções e convivem com o que é tido como ‘racional’ e ‘oficial’. Os desejos compartilhados por meio de uma nova diva pop e expressão transpolítica da deputada confluem nesse estar-junto-comunicativo-afetivo.

Enfatizamos ainda que as plataformas digitais e redes sociais possibilitam sociabilidades únicas e estreitas, a ponto de transformarem as concepções modernas sobre a técnica. “Ela se torna ambiente: paisagem e linguagem. Não se pode mais chamá-la de "tecnologia", arte do logos, dito de outro modo, "ciência do raciocínio”, mas, sim, "tecnomagia” (SUSCA, 2019, p. 11). De acordo com Latour (1998, s/p, tradução nossa), “a sociedade virtual não é algo do futuro, mas é a materialização, a rastreabilidade da sociedade”. Sob esta nova maneira de descrever o social, entendemos que cultivamos sociabilidades em rede.

Os vídeos de Erika Hilton: eloquência contra a transfobia no TikTok

Em junho de 2023, foram publicados 20 vídeos no perfil da Erika Hilton no TikTok, dos quais 11 são “cortes” de discursos públicos. A coleta de dados desta pesquisa findou-se em 04 de agosto de 2023. Estes são nossos objetos de cartografia: (4) vídeos de entrevistas, (2) vídeos de eventos do âmbito do ‘Mês do Orgulho’, (4) vídeos em sessões no plenário e (1) vídeo do Brazil Forum Uk⁴.

O mais assistido deles é o primeiro vídeo, postado em 02 de junho. Trata-se de um fragmento da entrevista de Erika Hilton ao videocast⁵ Reconversa, do jornalista Reinaldo Azevedo e do advogado Walfrido Warde, exibido no YouTube em 22 de maio de 2023⁶. Nele, a parlamentar afirma que não cumprimentou e não cumprimentará os deputados federais Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e Nikolas Ferreira (PL-MG) pois “não se dialoga com fascistas” e que esse tipo de gente tem que ser combatida, desmascarada, criminalizada, punida, responsabilizada pelos seus crimes e afastada da convivência num espaço democrático como o parlamento.

Ao dissertar sobre os limites da liberdade de expressão, um assunto efervescente na esfera pública na internet, a deputada alcançou 3,7 milhões de visualizações na rede

⁴ O Brazil Forum UK se descreve como uma “organização de estudantes brasileiros no Reino Unido” que reúne especialistas, políticos, formadores de opinião e acadêmicos do Brasil para debaterem questões contemporâneas como a fome, a proteção do meio-ambiente, os desafios da era digital etc. Disponível em: <https://brazilforum.org/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

⁵ Formato de podcast que, além do áudio, possui a imagem dos participantes em vídeo. Geralmente, os videocasts se iniciam ao vivo (em live) no YouTube e posteriormente, quando acabam, ficam hospedados na plataforma digital.

⁶ Disponível no canal do jornalista Reinaldo Azevedo, no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aT57A2FWIKc>. Acesso em: 04 ago. 2023.

social. Em seu comentário, Erika Hilton afirma que a liberdade de expressão não deve estar acima da liberdade da vida.

Quando a minha liberdade leva o outro à uma condição desumana, ou reforça estigmas e estereótipos que o leva a condições de desumanidade, já não é mais liberdade de expressão – ainda mais quando o faz dentro do plenário do Congresso Nacional, da Câmara Federal, visto por todo o país, num lugar de legitimidade como um deputado federal (TIKTOK BRASIL, 2023).

Durante sua participação no Reconversa, Hilton ainda comentou que enxerga a linguagem da moda como brecha, um mecanismo que possibilita acessar pessoas pela performance e pelo senso estético. Nesse sentido, ela diz se reconhecer na figura de uma diva pop politizada.

De acordo com Rincón (2015, p. 180, tradução nossa), “a liberdade de expressão é palco de disputas democráticas e a governabilidade sempre se joga em crises narrativas”. Com a leitura de M. Barbero, o autor comenta que o fazer político na América Latina se dá por meio do (pop)ular, no qual o pop politizado está ligado à diversão midiática. No entanto, concordamos com o caminho sugerido por ele, ao enfatizar que devemos nos voltar para os atores que manifestam práticas culturais bastardas.

Afirmamos, conforme a articulação feita por Rincón (2015), que as plataformas digitais se tornaram palco da mistura entre os pensamentos disruptivos e as culturas marginais. É pelas redes sociais que estendemos os debates do Plenário, incluindo os embates entre políticos que fazem oposição. A partir disso, geram-se discussões no Twitter e memes que são espalhados pela web.

Ao reconhecer publicamente seu apreço pela cantora Beyoncé, por exemplo, a deputada Erika Hilton admite a influência cultural dos produtos de massa e “entra na brincadeira” ao ser comparada com a aparência da irmã da artista, Solange Knowles. Tendo em vista a cidadania celebrity (RINCÓN, 2016), a parlamentar promove a poplítica nas telas e empreende um “heroísmo de sobrevivência popular”.

Em 06 de junho, é publicado um fragmento da sessão na Câmara dos Deputados no âmbito da CPMI dos atos de 08 de janeiro, no qual Erika Hilton aborda impasses na investigação sobre a tentativa de golpe de estado por apoiadores e aliados políticos do ex-presidente Jair Bolsonaro. Na ocasião, a deputada enfatizou a cronologia das articulações,

iniciadas pelo menos desde o dia 31 de outubro de 2022. O vídeo tem 152,7 mil visualizações.

Figura 1 – Usuários do TikTok elogiam oratória de Erika Hilton



Fonte: print retirado do vídeo no TikTok Brasil, com montagem feita pela autora em 02/08/2023.

Já em 09 de junho, a publicação traz o discurso de Hilton na Marcha Trans de São Paulo. “Nossos direitos jamais serão negociados [...] hoje é noite de celebrar”, afirmou na ocasião. Na fala pública com 33 mil *views* no TikTok, a parlamentar ressalta a importância de ocupar espaços diversos na sociedade e lutar por direitos, como o direito à cidade. A legenda da postagem expressa o desejo de que nunca mais se faça política sem as pessoas trans.

Em 11 de junho, o vídeo com 228,2 mil visualizações foi gravado em cima de um dos 19 trios elétricos da 27ª parada LGBTQIAPN+ de São Paulo, a maior do mundo. Na ocasião, Erika Hilton aparece ao lado da *drag queen* Tchaka e discursa para mais de 4 milhões de pessoas que é preciso construir outros imaginários sobre as pessoas da comunidade e que se deve sonhar, até mesmo sobre ocupar o cargo mais alto do Poder Executivo. Como um grito de guerra, a deputada disse que “o Brasil é preto, é viado, é sapatão, é travesti, é bissexual. O Brasil é nosso”.

Figura 2 – Erika Hilton com o *look* da parada LGBTQIAPN+



Fonte: foto retirada do perfil de Erika no Instagram em 02/08/2023.

Dois dias depois, em 13 de junho, a postagem traz um “corte” do videocast Põe na Roda Cast, apresentado pelo youtuber Pedro HMC. No vídeo de 55,6 mil visualizações, a parlamentar reafirma sua agenda de políticas públicas para a população em situação de rua, questões ambientais com o recorte racial, combate à fome, acolhimento LGBT e atendimento à saúde deste grupo. Ela ainda assegura que está buscando deixar um legado de combate à miséria desde a sua atuação na esfera municipal de São Paulo.

Ao assistirmos sua participação completa na transmissão, ouvimos novamente a relevância da moda na estratégia de comunicação da deputada. Na conversa, Erika Hilton afirma que a política é cafona, então se vestir bem é uma forma de aproximação com os eleitores e uma tática de sobrevivência frente ao imaginário que impõe a imagem da ‘travesti largada’ e precarizada. Além disso, o “vestir-se bem” atua como um autocuidado, frente ao “adocimento ancestral da saúde mental de travestis”.

No dia 18 de junho, o conteúdo publicado mostra um fragmento da participação de Erika Hilton no Brazil Forum UK. No vídeo, com 163,7 mil visualizações, ela comenta a situação de Insegurança Alimentar vivida pelos brasileiros. Em seu discurso, a parlamentar cita que não podemos acreditar que a fome é uma questão de falta de esforço, afinal as oportunidades e acessos não são iguais para todos. Desta forma, Erika Hilton põe em xeque a meritocracia e, seguindo o pensamento da escritora Carolina Maria de Jesus – catadora que relatava sua experiência de vida na pobreza –, destaca que é preciso compreender a realidade da fome e da miséria de perto para mudar a cara do legislativo do país.

Em 20 de junho, novamente é trazida parte da CPMI dos atos de 08 de janeiro. Desta vez, o vídeo é uma republicação de outro usuário do TikTok. O conteúdo de 2,2 milhões de visualizações mostra a deputada Erika Hilton cobrando maiores esclarecimentos com base no depoimento prestado pelo ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal, Silvinei Vasques. Ele é acusado de impedir eleitores de chegarem às sessões eleitorais no segundo turno de 2022.

Já em 21 de junho, é adicionado ao perfil de Erika Hilton mais um trecho da entrevista no Reconversa, desta vez acerca da transexualidade. Ao ser questionada se há algum resquício do menino que era imposto à deputada na infância, ela responde que não porque nunca foi um menino. O vídeo possui 1,7 milhão de visualizações.

No mesmo dia, foi publicado um fragmento de 6min12s do discurso de Erika Hilton na Comissão de Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados. A sessão do dia 21 de junho de 2023 foi chamada por ela de “patacoada”, em razão do reforço de teorias sem base científica que relacionam o transtorno do espectro autista à mudança de gênero no Brasil. Na audiência pública, a parlamentar reforçou que as afirmações apresentadas por uma médica eram mentirosas, fruto de conspirações tão preconceituosas quanto o racismo científico da teoria de Samuel G. Morton – médico estadunidense que afirmava ser possível comprovar uma “superioridade racial” dos brancos através do estudo comparativo entre tamanho de crânios no século XIX.

A audiência em questão foi proposta pela deputada Franciane Bayer (Republicanos-RS) para debater, dentre outras pautas do movimento trans, as cirurgias de redesignação sexual. De acordo com a justificativa desta parlamentar, tais procedimentos

apresentam riscos desconhecidos. No episódio, uma das profissionais de saúde convidadas para a discussão teria afirmado que há ‘processos transexualizadores’ e tratamentos hormonais em crianças no país – o que não se confirma pela mídia, nem por meio denúncias ou pela legislação, que só permite o início de tais ações a partir dos 18 e 16 anos, respectivamente.

Segundo Hilton, declarações como essa induzem as pessoas a acreditarem que se tem uma preocupação em proteger as crianças, mas o que está sendo narrado de fato é a desinformação, a transfobia e a mentira. Além disso, declarações feitas na audiência por outros deputados teriam associado as famílias de crianças trans à pedofilia e à hipersexualização na infância, bem como a tortura e a lobotomia ao processo de transição de gênero.

O pensamento de Hilton concorda com a perspectiva de R. Miskolci (2007). Para o autor, o simbolismo que estrutura os pânicos morais geralmente se alinha a um mecanismo de substituição. Isto significa dizer que os “empreendedores morais” levantam um problema social sob um falso pano de fundo, uma falsa preocupação que mascara seu verdadeiro alvo – como, por exemplo, a pedofilia relacionada aos homens homossexuais. O que acontece, na verdade, é um ataque indireto a um grupo minorizado e a perpetuação de estigmas, estereótipos e falácias no imaginário coletivo.

De acordo com veículos da imprensa, como o Correio Braziliense e Metrôpoles⁷, a médica psiquiatra que discursou na Câmara dos Deputados acredita numa suposta “epidemia trans”. Após ministrar a palestra “Epidemia de Transgêneros: o que está acontecendo com as nossas crianças?” na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, ela foi denunciada ao Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (CREMERS). A sessão da Comissão de Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados ainda teve participação de uma jornalista que é porta-voz de uma campanha anti-trans.

⁷ Retiramos informações complementares das reportagens online do Correio Braziliense e do Metrôpoles do dia 21 de junho de 2023. Disponíveis respectivamente em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/06/5103667-erika-hilton-denuncia-transfobia-em-comissao-na-camara-argumentos-falaciosos.html> e <https://www.metropoles.com/brasil/camara-erika-hilton-denuncia-transfobia-na-comissao-da-familia-video>. Acesso em: 2 ago. 2023.

Quanto à reação de Erika Hilton, é possível perceber seu incômodo durante a resposta. A deputada trouxe um relato da vida pessoal sobre ter sido expulsa de casa aos 14 anos de idade pelo fundamentalismo religioso que atingiu sua mãe, induzindo-a a crer que a transexualidade era algo demoníaco. Este conteúdo de mais de seis minutos teve 2,2 milhões de visualizações no TikTok no perfil @erikahiltonsp.

Figura 3 – Usuários do TikTok ressaltam postura elegante de Erika Hilton



Fonte: print retirado do perfil no TikTok Brasil, com montagem feita pela autora em 02/08/2023.

Por meio dos comentários dos usuários no TikTok, percebemos uma recepção positiva dos usuários que não necessariamente integram a comunidade trans ou LGBTQIAPN+. A eloquência discursiva de Erika Hilton aparece como tema recorrente nesta interação, bem como declarações específicas a respeito da aproximação com pautas políticas por meio do perfil da deputada federal. Outro ponto comum é o reconhecimento de uma postura elegante e inteligente da parlamentar, que coopta a atenção dos espectadores e consegue responder a um assunto que a violenta.

No dia 23 de junho, com 75,3 mil visualizações, o vídeo publicado no perfil de Erika Hilton mostra a deputada na Câmara dos Deputados, em Audiência Pública presidida por ela na Comissão de Direitos Humanos. A sessão tratou da população em situação de rua e empregabilidade dessas pessoas, defendida pela parlamentar como política não só de assistência, mas de dignidade e emancipação.

Por fim, nos dias 26 e 29 de junho, o perfil da deputada compartilhou fragmentos da sua participação no videocast Desce a Letra Show, do youtuber Cauê Moura, exibido em 23 de junho⁸. O primeiro vídeo, com 114,6 mil visualizações, aborda a estigmatização da população travesti no Brasil. No conteúdo, Erika Hilton questiona as referências de senso comum, na imagem criada convencionalmente, sobre esta população. Ela atesta que quase sempre são ligadas à prostituição, criminalidade, violência e doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, a parlamentar afirma que há um olhar de ódio voltado para esse grupo social, o que perpetua uma imagética negativa e gera pânico morais. Além disso, as narrativas de pessoas LGBTQIAPN+ geralmente partem do sofrimento e da mazela, mas não de seus sucessos – efeito causado pelo sistema cisheteronormativo, que esconde ao máximo essas experiências. Mesmo que arduamente, Hilton ressalta que é preciso incentivar o olhar sobre essas histórias positivas para que este se torne um caminho de mais fácil visualização e desejo, tendo um caráter emancipatório e encorajador.

No segundo deles, com 99,4 mil visualizações, a deputada federal comentou o porquê de grupos conservadores atacarem odiosamente movimentos que lutam pelas minorias sociais. Para Erika Hilton, eles se sentem ameaçados ao falarmos sobre direitos da população negra, LGBTQIAPN+ e das mulheres já que, ao fazermos isso, destruímos conceitos como o de casa grande e senzala, da mulher frágil e vulnerável que está ali para ser usada, da travesti disponível nas esquinas para ser usada por qualquer valor e depois ser agredida e morta. Todos esses elementos que estruturaram a sociedade brasileira são heranças do colonialismo escravocrata que ainda constitui o funcionamento da cidadania no país.

O programa completo do Desce a Letra Show foi elaborado num formato de entrevista, que percorreu temas pessoais e da política brasileira. Nele, a parlamentar comentou que se tornou política a partir da vivência material nas ruas do interior do estado de São Paulo e da capital paulista, onde morou e se prostituiu durante alguns anos da adolescência para sobreviver após ter sido expulsa de casa. Ao retratar a sua existência travesti, Erika Hilton faz questão de utilizar pronomes referentes à primeira pessoa do

⁸ Entrevista completa em: <https://www.youtube.com/watch?v=99TZpAxwSdk>. Acesso em: 2 ago. 2023.

plural, incluindo-se em uma comunidade que é estigmatizada no Brasil, mas que agora entende que seu lugar não é nas sombras.

Figura 4 – meme de Erika Hilton espalhado pela web



Fonte: imagem de autoria desconhecida retirada da conta de usuários no Twitter em 03/08/2023.

Considerações finais

Ao se perceber com uma postura combativa, Hilton afirma que sua busca e preocupação em acessar a juventude e os internautas no TikTok representa um diferencial no fazer político progressista contemporâneo. Segundo ela, uma diva pop que fala com propriedade sobre direitos humanos, num movimento jovial, estético e comunicacional estratégico consegue romper com algumas barreiras. Ao entrar nas redes sociais para ver a capa de revista, a roupa ou peruca utilizada pela deputada, os usuários de sua comunidade encontram fragmentos de sessões do plenário e discursos eloquentes sobre uma vivência desviante da norma.

Destacamos que Hilton não é apenas representativa de conquistas sociopolíticas no país, mas também de mudanças no imaginário dos brasileiros por meio de uma potência estético-comunicativa (FERNANDES, 2005). Seus argumentos corporificados na imagem de uma deputada travesti negra provocam desestabilidade nas falácias do pensamento anti-trans, o que representa uma ruptura ativista tão forte a ponto de ameaçar

noções e posições até então bastante consolidadas no Congresso Nacional, nas capas de revista, nos noticiários policiais, nas ruas e na internet.

Ao discursar, a deputada federal Erika Hilton (Psol-SP) evoca sua identidade de gênero, etnia e origem geográfica, bem como sua ancestralidade, sua experiência de vida e uma de suas maiores lutas políticas: o combate à transfobia. Nesse sentido, entendemos que a corporalidade e intelectualidade de uma travesti negra tem a força motriz de novos tipos de ativismo dentro de espaços de poder, alcance, visibilidade e, sobretudo, em plataformas digitais e redes sociais.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-47, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FERNANDES, Cíntia San Martin. **Sociabilidade, Comunicação e Política**: a Rede MIAC como provocadora de potencialidades estético-comunicativas na cidade de Salvador. 2005. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LATOURET, B. Thought experiments in social science: from the social contract to virtual society. In: **1st Virtual Society?** Annual Public Lecture. Brunel University, London, 1 April. 1998. Disponível em: <http://www.artefaktum.hu/it/Latour.htm>. Acesso em: 02 ago. 2023.

LATOURET, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Ed ufba, 2012; Bauru. São Paulo: Edusc. 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. Annablume, São Paulo, 2013.

MAFFESOLI, M. **A Contemplação do Mundo**, Porto Alegre: Oficinas, 1995 [1993].

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 101-128.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Zahar, Rio de Janeiro, 2022.

RINCÓN, Omar. Lo pop-pular está de moda: sobre culturas bastardas y quilombos pop-líticos. In: BRUZZONE, Daiana; SAINTOUT, Florencia; VARELA, Andrea. (Orgs.). **Voces abiertas**: comunicación, política y ciudadanía en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 179-213.

RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. **Revista Eco-Pós**, v. 19, n. 3, p. 27–49, dez. 2016. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/5420. Acesso em: 4 ago. 2023.

SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**: para compreender a cultura digital. Tradução de Simone Ceré. Porto Alegre: Sulina, 2019.

TIKTOK BRASIL. **Perfil @erikahiltonsp**, 2023. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@erikahiltonsp>>. Acesso em: 02 ago. 2023.